



A Revista Educação, Artes e Inclusão, agradece a disponibilidade de **ENTREVISTA** do professor doutor **ROBERTO LUIZ TORRES CONDURU**, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, líder do grupo de pesquisa NUCLEAR – Núcleo de Livres Estudos de Arte e Cultura Contemporânea – Líder.

1) REAI – A Revista tem ampliado o tema da inclusão para outros aspectos além da deficiência, que foi seu tema mais direto nos primeiros números. Qual sua concepção acerca do projeto inclusivo iniciado como política pública a partir da lei 10639/2003?

Desde a sua criação, a lei 10.639/2003 tem sido um fator importante para ampliar a difusão de valores, ideias, formas, práticas e obras artísticas, entre outros elementos vinculados a culturas africanas e afro-brasileiras, que no Brasil são usualmente menosprezadas, circunscritas à margem, tornadas invisíveis e mantidas inoperantes, quando não se tenta exterminá-las. Dada a diversidade cultural no Brasil e as contribuições fundamentais de africanos e afrodescendentes na construção do país, é imprescindível que crianças, adolescentes, jovens e adultos as conheçam em seus processos de formação, podendo ampliar seus repertórios e imaginários.

2) REAI - Que perspectivas colaboram para a qualificação da experiência estética de todos os brasileiros, em especial os afrodescendentes?

É necessário constituir situações no Brasil que permitam a todas as pessoas difundirem seus valores e experimentarem os de outrem, também partilhados de modo livre e público. Portanto, é preciso exterminar as práticas de segregação e cerceamento características da sociedade brasileira, bem como garantir às pessoas acessos equânimes aos meios de criação e difusão.

No caso específico dos afrodescendentes, que têm sido marginalizados por séculos e não raro veem suas ideias, práticas e criações serem exploradas por outras pessoas, grupos e instituições, é preciso respeitar seus direitos,

valorizar suas experiências, responder às suas demandas e assegurar seu protagonismo na expressão de si e de seus valores.

3) REAI – Quais as contribuições para as pesquisas que envolvam o tema da arte africana e afro-brasileira a partir da criação do Museu Afro Brasil?

O Museu Afro Brasil é uma realização especial, única. Na “ilha de museus” que vem sendo constituída no parque do Ibirapuera, Emanuel Araújo tem, desde 2004, concentrado os saberes que cultivou ao longo da vida como artista, colecionador, curador, editor e ativista cultural, esforçando-se para dar espaço e expandir artes e culturas da África e do afro Brasil. Portanto, naquele museu é possível experimentar uma coleção sem rival e uma leitura personalíssima da mesma por meio de exposições de curta duração e outras atividades de formação do público que ativam e transformam a exibição do acervo. Também a biblioteca do Museu, que homenageia a escritora Carolina Maria de Jesus, é focada em questões africanas e afro-brasileiras, particularmente em relação às artes, configurando-se como lugar privilegiado para pesquisas e leituras sobre estes campos. Com suas coleções e atividades, o Museu Afro Brasil vem colaborando de modo excepcional para reversão das práticas de exclusão dos afrodescendentes que têm prevalecido na sociedade brasileira.

4) REAI – Seu projeto de investigação *Pérolas Negras - experiências artísticas e culturais nos fluxos entre África e Brasil*, está na sexta-fase, que aspectos ressaltaria como contribuição aos professores de Artes Visuais e demais educadores que dedicam-se ao tema da cultura e história afro-brasileira e africana?

Com as possibilidades e limitações próprias a um pesquisador que atua a partir de uma universidade pública brasileira, no caso, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tenho refletido sobre valores, ideias, agentes, ações e objetos que articulam arte, África e Brasil. Realizadas em



textos, aulas, cursos, palestras, exposições, edições e orientações acadêmicas, estas reflexões são meu contributo a professores, educadores e quem mais estiver interessado a sentir e pensar artes e culturas relacionadas à África a partir do Brasil.

5) REAI – Para a inserção do tema da inclusão na perspectiva da lei 10639/2003 na escola, o seu livro *Arte Afro-Brasileira* é referência para os professores. Que outras produções poderíamos assinalar, em seu vasto currículo, que podem ser divulgadas?

Em 2013, publiquei o livro *Pérolas Negras, Primeiros Fios*, editado pela EdUERJ, que reúne mais de 40 textos de diferentes tipos, com diferentes tamanhos e tons, produzidos desde 1998, que estavam dispersos e, por vezes, com difícil acesso. Com este livro, creio ser mais fácil compreender o escopo de minha pesquisa, suas áreas de interesse, diálogos, limites.

No ano passado, a EdUERJ publicou o livro *Carl Einstein e a Arte da África*, que organizei com Elena O'Neill, reunindo oito textos sobre arte da África de um dos pioneiros no estudo da arte da África, mais reflexões sobre ele, sua trajetória e sua obra, escritas por pessoas de diferentes nacionalidades e radicadas em diferentes lugares, somando vozes da América, da África e da Europa para pensar a parte da arte produzida no continente africano e sua historiografia.

Além dessas publicações recentes, eu acho importante destacar as exposições que tenho realizado, seja a série de mostras que focam em representações de divindades do panteão religioso afro-brasileiro – nunca é demais lembrar como esses cultos são perseguidos na sociedade brasileira, assim como a produção artística por eles gerada –, sejam as mostras em que procuro misturar produções artísticas vinculadas a terreiros e obras de artistas que circulam nos espaços mais valorizados do circuito artístico, de modo a por em discussão valores estabelecidos e fomentar diálogos relativos à África a partir do Brasil.



E não posso deixar de falar nas pesquisas que tenho acompanhado como orientador acadêmico em cursos de graduação, mestrado e doutorado, assim como em estágios de pós-doutorado, ajudando a qualificar e ampliar as reflexões sobre as relações entre arte, África, Brasil e além, pois algumas abordam outras experiências da diáspora gerada pelo tráfico negreiro e pela escravidão de africanos e de seus descendentes.

6) REAI – Estamos vivendo um momento conturbado na realidade brasileira com mudanças drásticas no contexto da educação e cultura. Que aspectos os estudos na área de arte, principalmente no tema a que você se dedica, podem ampliar a percepção de professores e estudantes nas escolas?

Se entendermos que arte é um valor, um modo especial de pensar e constituir a realidade, estudando-a é possível refletir sobre outras maneiras de imaginar, criar, experimentar e agir no mundo, que não apenas as hegemônicas.

As relações entre arte, Brasil e África têm um acesso especial quando são analisadas por meio de obras de arte dos mais variados tipos, trajetórias de artistas, instituições (museus, escolas, e galerias, entre outras), publicações (livros, revistas e catálogos, entre outros) e as mais diferentes reações do público (desde críticas especializadas até as contemporâneas *selfies*), pois estas permitem observar as tensões presentes no campo social, as variadas experiências subjetivas da realidade, bem como as críticas à condição vigente, os anseios e as lutas por outra conjuntura social.

Agradecemos a participação nesta edição da Revista Educação, Artes e Inclusão do Professor doutor Roberto Conduru e disponibilizamos para os leitores da revista o link de seu currículo lattes para acesso a suas produções, bem como os temas de pesquisas de seus orientandos a fim de democratizar o acesso às produções acadêmicas no tema em debate.

Endereço para acessar este CV : <http://lattes.cnpq.br/3685795039784675>

DOI: <http://dx.doi.org/105965198431781212016123>